

## **Sobre palafitas e redes móveis: usos sociais dos *smartphones* em Afuá – Marajó – Pará**

*Ivânia dos Santos Neves*<sup>1</sup>  
*Diogo Silva Miranda de Miranda*<sup>2</sup>  
GEDAI<sup>3</sup>

Universidade Federal do Pará

### **Resumo**

A pesquisa em comunicação, na Amazônia, deve compreender a realidade multifacetada da região. Se por um lado existem metrópoles, onde a web já é parte do cotidiano das pessoas, por outro, há grupos indígenas isolados na floresta. O arquipélago do Marajó, localizado no extremo norte dessa região, evidencia a pluralidade de dinâmicas que se inscrevem nesse território, com singularidades históricas e culturais. Para parte da população, os usos sociais que fazem dos meios de comunicação são semelhantes a qualquer centro urbano, mas para outra, os rios representam verdadeiras avenidas para o fluxo de pessoas e histórias, caminhos por onde circulam informações e onde se estabelecem diferentes dinâmicas sociais. Nesta pesquisa, analisamos o município de Afuá, a “Veneza Marajoara”, e os usuários da internet. Nesta cidade, há pouco mais de quatro anos, os moradores acessam à web. Hoje, além da internet via rádio, duas operadoras de telefonia móvel operam na localidade e possibilitam outra forma de relação com a rede: pelo sinal do celular e pela popularização dos *smartphones*. Assim, se compreendemos que cada realidade pode produzir significações diferentes para o consumo de diferentes produtos culturais, buscamos entender como esses indivíduos experienciam essa dinâmica. Partimos da formulação de apropriação, de Jesús Martín-Barbero, entendendo que esses produtos podem ser ressignificados, para se articular de acordo com as especificidades de cada processo social. Este trabalho integra a pesquisa de mestrado que desenvolvemos desde o início de 2012. Já realizamos duas etapas do trabalho de campo e estamos realizando a análise dos dados observados.

### **Palavras-chave:**

*Smartphone*; web; usos sociais; Amazônia; Marajó.

<sup>1</sup> Orientadora do Trabalho. Doutora em Análise do Discurso e docente vinculada ao Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia – PPGCom/UFPA. E-mail: [ivanian@uol.com.br](mailto:ivanian@uol.com.br).

<sup>2</sup> Bolsista Capes. Mestrando do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará – PPGCom/UFPA. E-mail: [diogo.sm2@gmail.com](mailto:diogo.sm2@gmail.com).

<sup>3</sup> Grupo de Estudos Mediações, Discurso e Sociedades Amazônicas – CNPq.

## **Abstract**

The Communication's research at Amazon must understand the differently aspects of region's reality. If there have some big cities and the web is working well daily, there also have some indian societies isolated at the forest. In the north of Amazon, the Marajó's Archipelago shows how these different dynamics are existing at this place, each one with cultural and historic particularities. For some Amazon's people, the Media social uses are the same of others people from the Earth. But for others, the rivers are the streets to walk and to live yours history, the rivers are the ways to trade information and the place to establish different relationship between theirselves. In this paper, we're analyzing Afuá city, most knowed as "Veneza Marajoara", and their internet users. In this city, almost four years the people use the internet. Today, they're has access to web by radio signal and two cell phones companies are installed in Afuá. This last technology makes possible another kind of access to the web: by cell phone's signal and by smartphones popularization. So, if we understanding each society makes different knowledge about different cultural products, we can try to understanding how these people live this experience. We're watching the Jesús Martín Barbero's appropriation concept that says these products can be meaning others things to each people and each social process. This paper are a part of the Mastery research we're realizing since 2012. We make two steps of field's research and now we're watching the information that was collected.

## **Keywords:**

Smartphone; web; social uses; Amazon; Marajó's Archipelago

## **1. O lugar e a experiência: algumas perspectivas teórico-metodológicas**

Já há algum tempo se constatou que a comunicação não pode ser compreendida como um processo de troca de informação, como é evidenciado no célebre modelo que organiza o ato comunicativo como a mensagem que se desloca entre emissor e receptor e que perdura até hoje. Tão pouco se pode reduzir seu objeto de estudo ao campo empírico do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), ou ampliar seu horizonte a qualquer processo de interação social que possa ser estudado a partir de

diferentes campos de pesquisa, como economia, ciências políticas, sociologia, física, biologia, etc. Como demonstra França (2001, p. 5), estudar a comunicação significa posicionar o olhar para perceber elementos específicos que particularizam a natureza do fenômeno social observável, significa apreender uma “natureza comunicativa” que marca um determinado acontecimento que está sendo observado.

A partir dessa perspectiva, compreendemos que estudar a comunicação é uma forma específica de analisar uma série de processos que se desenvolvem entre diferentes sujeitos em sociedade, mas que necessita também perceber que se trata de indivíduos envolvidos em contextos socioculturais específicos e sobre os quais essas dinâmicas também se particularizam. Assim, para analisar os fenômenos a partir da comunicação, é necessário deter o olhar também sobre essas características que compõem a maneira como esses sujeitos experienciam as interações entre si, a forma de produzir, trocar e fazer circular informações em seu cotidiano.

Qualquer acto de comunicação inscreve-se, por isso, para além da relação observável entre os interlocutores, numa relação de natureza ambivalente às regras que os definem como interlocutores dos actos concretos de comunicação, dando assim sentido àquilo que dizem ou fazem e significação às mensagens e às acções trocadas. É por esse motivo que, no fundo, nunca pode haver comunicação a dois; qualquer processo comunicacional, mesmo o de um indivíduo consigo próprio, coloca inevitavelmente em cena uma *instância terceira*, a instância institucional que vigia, normaliza e sanciona o dizer e o fazer dos protagonistas das expressões e das acções trocadas. [...] É por isso que mais do que falantes de uma língua, somos por ela falados. É algo que mergulhamos e nos põe em cena (RODRIGUES, 1990, p. 69).

Trata-se de perceber o lugar como um cenário específico, que é constituído pelas particularidades da cultura a que pertencem os sujeitos e que se tornam elementos fundamentais para a realização do ato comunicativo (SANTOS, 2008). Dessa forma, é impossível imaginar que os processos comunicativos aconteçam da mesma maneira nos diferentes lugares do planeta.

A comunicação está nesse lugar onde existe a experiência cotidiana: onde o local se torna o centro da rede, um espaço principal para seus sujeitos que se articulam com o global; onde existe uma realidade dinâmica, tensa e permanentemente instável que dinamiza a relação entre o que é global e o que é particular; onde o lugar nos leva a

descobrir seus novos significados; ou, simplesmente, onde “Cada lugar é, à sua maneira, o mundo. [...] Mas, também, cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais” (SANTOS, 2008, p. 314).

É um processo que acontece por meio de ações táticas que ressignificam as práticas culturais a partir das necessidades existentes em cada lugar. Para entender a comunicação, é necessário analisar a forma como os indivíduos modelam, manipulam, apropriam-se das informações que chegam a eles, que não são produzidas em sua realidade, mas que também passam a compor seu cotidiano. E “Só então é que se pode apreciar a diferença ou a semelhança entre a produção da imagem e a produção secundária que se esconde nos processos de sua utilização” (CERTEAU, 1998, p. 40).

Aos poucos, tomamos consciência que devemos perceber o lugar que ocupamos para entender a comunicação. Ao compreender a complexidade de elementos sociais e culturais que se inscrevem na América Latina (MARTÍN-BARBERO, 2004), percebemos como este lugar particulariza seus processos comunicacionais. A realidade latinoamericana nos coloca em um lugar próprio, no qual não podemos olhar a comunicação de maneira simplória, reduzindo-a aos mesmos processos que acontecem globalmente. É nesse lugar que observamos as diferentes maneiras que os sujeitos se apropriam das TICs, como eles procuram maneiras de redesenhar os usos para que caibam as diferentes realidades desse lugar.

É necessário ver “[...] a América Latina não como *lugar no qual* se conservam práticas de comunicação *diferentes* (ou seja, exóticas), mas como *lugar a partir do qual* pensávamos *diferentemente* as transformações que atravessam as práticas e as técnicas de comunicação” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 29). Assim,

Teremos de deslocar então o olhar, ou melhor, o ponto de vista, para interrogar a tecnologia a partir desse *lugar outro*: o dos modos de apropriação e uso das classes populares. Porque o popular na América Latina se configura a cada dia com mais força como o lugar desde o qual se torna possível compreender historicamente o sentido que adquirem os processos culturais, tanto os que ultrapassam o nacional “por cima” – desde o funcionamento dos satélites às tecnologias de informação – como os que o desbordam “por baixo” – desde a multiplicidade de formas de resistência regionais, étnicas, locais, ligadas à existência negada porém viva de heterogeneidade cultural (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 188).

Assim, não podemos cometer o erro de desconsiderar que a Amazônia também é uma realidade latinoamericana. Como tal, sua complexidade se dá pelos diferentes processos sociais que se desenvolveram – e ainda se desenvolvem – a partir da apropriação que seus sujeitos fazem das dinâmicas culturais que existem em sua região. Trata-se de perceber as particularidades que compõem os contextos locais para entender esse processo de apropriação, de ressignificação, essas formas de resistência e de subversão que compõem os processos locais de comunicação. É diante dessas questões que optamos pela cartografia como método de pesquisa para pensar e tentar compreender os processos comunicacionais dentro da Amazônia.

Para nós, cartografar é o exercício de ir além da simples observação e interpretação dos objetos. Consiste no próprio movimento de experienciar as realidades. Pensamos que seja propriamente uma nova maneira de compreender o conhecimento, que não é subordinável ao que já está estabelecido, mas que pertença às mesmas singularidades desses fragmentos da realidade: um “logos” que se funda na “alteração perceptiva” da forma como entendemos a experiência que atravessamos e pela qual somos atravessados (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 13).

Não se trata apenas do ato de perceber as dinâmicas sociais e culturais observáveis, mas também do exercício de transformar as correntes teóricas para (re)inventá-las a partir das necessidades que o objeto empírico exija. Apenas dessa forma é possível que a pesquisa aconteça neste lugar, a partir das particularidades em que ela se inscreve e das necessidades que a realidade exige. Apenas dessa forma o investigador será capaz de percorrer os diferentes caminhos das realidades fragmentadas e multifacetadas no qual se inscreve, de forma que a própria ação de realizar este percurso revelará as singularidades de cada objeto de sua pesquisa.

Nesse sentido, percebemos que é difícil estabelecer fronteiras que limitem ou definam o que é a Amazônia. Ela própria não se encerra no território de um único país e tão pouco obedece às demarcações políticas ou regionais dos estados brasileiros ou de outras nacionalidades. E, da mesma forma, é impossível conceber a região como única, pois ela se diversifica em diferentes biomas, com climas, planícies, bacias hidrográficas e relevos, faunas e floras distintas.

A Amazônia se pluraliza em realidades sociais e culturais diferentes: trata-se da mesma dinamicidade que atravessa a América Latina destacada pelo autor e que, muitas

vezes, pode passar despercebida nos caminhos de qualquer investigação científica de uma maneira geral. E, assim, é necessário que trilhemos caminhos novos para que as singularidades do objeto se revelem e para que possamos perceber os processos da comunicação a partir das particularidades de nosso lugar.

## 2. Cidade de fronteira: cartografando a “Veneza do Marajó”

No início de *Ofício de cartógrafo*, Jesús Martín Barbero (2004, p. 13) elucida a maneira como devemos olhar para as dinâmicas sociais na América Latina por meio da metáfora do arquipélago. Para o autor, os processos que acontecem aqui se assemelham a esse conjunto de ilhas interconectadas pelo mar e que se liga ao restante da terra: não há fronteiras bem definidas, mas também não se trata de um lugar separado. É propriamente um lugar novo, de constante diálogo e confronto entre a terra e as ilhas, e o mar, que entrelaça essa relação.

Todavia, a imagem do arquipélago – além de lúdica para ilustrar essa realidade – é extremamente significativa ao contexto de nossa pesquisa: nossos caminhos nos levam ao arquipélago do Marajó, um lugar específico dentro da Amazônia brasileira. Um lugar de semelhanças e contrastes em relação a realidade amazônica e também a si próprio e onde os caminhos que percorremos interferem diretamente na maneira como nos relacionamos com sua realidade e a compreendemos, a exemplo da metáfora do autor.

É nesse lugar, na divisa entre os Estados do Pará e Amapá, que está a cidade de Afuá, município localizado no extremo norte do arquipélago. Politicamente ligado ao estado do Pará, mas geograficamente mais próximo de Macapá, capital amapaense, Afuá encontra-se nessa tensão entre terra e mar, sem limites bem delimitados e em uma fronteira cultural que particulariza seu cotidiano.



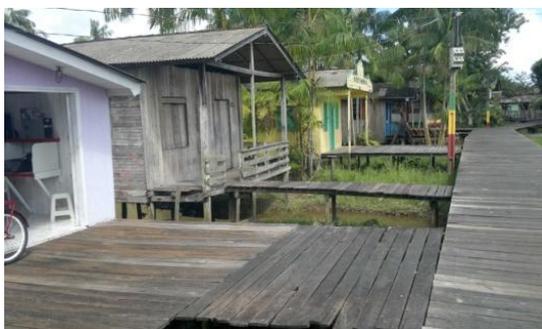
**Figura 1 e 2:** Localização geográfica do município de Afuá – Marajó – Pará (Fonte: Google Mapas).

Afuá foi fundada no ano de 1869, mas apenas em 1890 se emancipou a categoria de município. Atualmente, sua população passa dos 35 mil habitantes e está distribuída entre os 6.741 domicílios permanentes existentes e em uma área de pouco mais de 8 mil km<sup>2</sup>, segundo o último censo demográfico (IBGE, 2010). Mas as singularidades que marcam a cidade, que é popularmente conhecida como “Veneza Marajoara” entre seus moradores e visitantes, são outras.

Localizada em meio a Baía de Vieira Grande<sup>4</sup>, entre os rios Afuá (que dá nome a cidade), Charapucú e Jurará, a cidade inteira está situada em uma região de várzea, isto é, que é inundada regularmente de acordo com os momentos de cheias e vazantes da baía. Por essa razão todas as suas ruas são palafitas de madeira que elevam as casas, as vias e a cidade inteira sobre as águas. Mesmo as avenidas principais, que receberam outra estrutura com grandes pontes de concreto, permanecem sobre as águas. E embora alguns moradores assim desejassem, mesmo por onde passou o concreto, não houve aterramento nas ruas.



**Figura 3:** Orla de Afuá, ponte em concreto construída sobre palafitas (Foto: Diogo Miranda).



**Figura 4 e 5:** Ruas de Afuá, em madeira e concreto (Foto: Diogo Miranda).

<sup>4</sup> O nome da baía em que se localiza a cidade faz referência ao padre jesuíta Antônio Vieira, cuja atuação foi decisiva para o aldeamento de povos indígenas da região, no século XVII, bem como para a estratégia de implementação do sistema colonial português.

Além disso, os limites geopolíticos dos mapas oficiais não se desenham nas ruas da cidade. A relação que seus moradores desenvolvem com os meios de comunicação é particular ao seu cotidiano: pelas duas rádios existentes no município circulam a maior parte da informação no município e as músicas do Pará e do Amapá. Assim também acontece em relação à telefonia móvel que, embora a região seja vinculada ao código de área 91 (região paraense) e a maior parte dos usuários possuam linhas com esse DDD, não é difícil encontrar aparelhos conectados ao 96 (região amapaense). Ou ainda, aqueles com celulares com dois chips, cada um vinculado a um código diferente<sup>5</sup>.

A chegada da telefonia móvel possibilitou outros processos de interação para a população afuaense. De acordo com o relato dos moradores, desde 2007 há acesso a internet no município via sinal de rádio, mas apenas em meados de 2009 é que o acesso a rede mundial de computadores se popularizou entre os cidadãos, graças ao sinal da telefonia celular. Assim, além do contato entre as diferentes realidades que circundam Afuá, esses sujeitos podem interagir com outras localidades que não se inscrevem na região, pluralizando ainda mais as dinâmicas entre o local e o global.

Nesse sentido, para observar a localização de Afuá devemos permanecer atentos ao seu espaço geográfico, mas também ao lugar que as TICs ocupam em seu cotidiano. Essa relação particulariza a cidade como um lugar específico e demonstra como sua realidade pode ser complexa. O município é claramente uma cidade de fronteira, de forma que não é possível definir contornos precisos de suas dinâmicas sociais: ele se caracteriza pelo choque, pelo confronto, por ser um espaço marcado pelo contraditório e pelo transitório.

Assim, percebemos que é esse tensionamento entre as diferentes realidades e esse constante diálogo e confronto – a exemplo da metáfora do arquipélago – que o particularizam como um lugar específico. E, dessa forma, se torna claro que não podemos compreender os processos de comunicação que acontecem em Afuá de forma semelhante a outros centros urbanos. Esse contexto ocupa um lugar central para a compreensão desses processos que desejamos observar.

---

<sup>5</sup> Uma particularidade que vale ressaltar que as linhas de telefone fixo de Afuá, apesar de serem localizadas na região paraense, são todas vinculadas ao código 96, do Amapá. Os relatos dos moradores indicam que a telefonia começou o processo de troca dos códigos de área nos celulares há pouco tempo (cerca de 2 anos aproximadamente), mas o fixo nunca foi alterado e nem há previsão para isso.

#### **4. Usos sociais da mídia: a apropriação da internet e dos *smartphones***

Ao perceber como a cidade se distingue pelas diferentes relações que se inscrevem em sua realidade, torna-se evidente que a maneira como sua população se relaciona com as mídias é particular ao lugar em que vivem. Essa apropriação da qual fala Martín Barbero é marcada pela forma como os sujeitos utilizam as TICs para atender as necessidades particulares ao município. Todavia, os relatos nos levam a questionar: se o sinal de internet está disponível desde 2007, por que apenas dois anos depois houve uma popularização do acesso a rede mundial de computadores? Quais mudanças aconteceram nesse cenário, ao longo desse curto período de tempo, para que a internet se estabelecesse como um canal de interação importante para essa população?

Há uma recorrência entre os relatos dos moradores que indicam que a primeira *lan house* da cidade foi inaugurada em meados de 2007, mas permaneceu em funcionamento por poucos meses e decretou falência após esse pequeno período. Apesar de ser difícil afirmar com certeza, suspeitamos que o estabelecimento e sucesso da internet na cidade tem relação com o estabelecimento da rádio comunitária Afuá FM.

Nesse período entre os anos de 2007 e 2009, alguns membros da comunidade passam a se articular para criar a Associação Comunitária de Desenvolvimento Artístico e Cultural de Afuá-PA (ASCOA), que tem sua data de fundação registrada em 10 de abril de 2008. Com enfoque solidário e também voltada para preservação da cultura local, a ASCOA é a instituição que irá articular o funcionamento da rádio comunitária, um de seus objetivos inaugurais. De acordo com Décio Quintas, coordenador geral da Afuá FM, foi necessário um esforço para compreender as leis e o procedimento para pedido de outorga de funcionamento da rádio e, parte desse processo, tem relação com o uso da internet, como instrumento para buscar informações e também acompanhar o processo de forma online.

Por meio da rede também foi possível que a Associação entrasse em contato com profissionais da área do rádio em Macapá, para que auxiliassem na implementação da programação da Afuá FM e para que promovessem cursos de capacitação para os futuros locutores. Ou seja, é nesse diálogo com a web que a rádio comunitária também passa a estabelecer sua relação com a população.

De acordo com Quintas, primeiramente, “[...] a rádio busca atender as necessidades locais, pois ela é um instrumento para servir a população de Afuá”. Mas o próprio coordenador reconhece que é importante a própria cidade mostrar a sua realidade pro mundo. Esse papel que ela desempenha é fundamental, pois a partir da web a rádio se torna um canal importante para articular a realidade da cidade com o mundo inteiro.

Hoje, a rádio Afuá FM ela está ligada online com todo o mundo, por meio da internet. Essa ferramenta que nós estamos usando na Afuá FM faz com que o município fique ligado diariamente com todo o mundo. Isso é bom pra Afuá. Nós estamos levando o nome do nosso município para todo o mundo e isso é diário. Nossa programação é interligada das cinco da manhã à meia noite na internet e quem quiser acessar basta acessar lá: [www.afuafm.com.br](http://www.afuafm.com.br). E, brevemente, nós teremos o nosso jornal eletrônico que vai colocar informação do nosso município quase que diário para as pessoas que queiram estar a par do que acontece aqui em nossa cidade (Décio Quintas, 2013).



**Figura 6:** *printscreen* da página da Rádio Afuá na internet.

Percebemos que a rádio utiliza diversos recursos disponíveis na internet para se fazer presente no dia a dia da população. Alguns programas possuem perfis nas redes sociais e muitos apresentadores articulam sua apresentação com mensagens pessoais de suas redes sociais particulares.



**Figura 7 e 8:** *Printscreen* das fanpages do Facebook vinculadas à Rádio Afuá FM.

Dessa forma, percebemos que esse trajeto histórico da rádio é fundamental para compreender o sucesso e a popularização da internet em Afuá. Mais que perceber questões relacionadas ao desenvolvimento tecnológico, trata-se de observar um processo de apropriação das TICs as demandas sociais desse lugar. O que observamos é que se trata de um processo de convergência cultural: a apropriação da internet e dos *smartphones* em Afuá não é apenas reflexo da popularização do sinal e da tecnologia, mas se trata da modificação na própria relação cultural que os sujeitos estabelecem com as mídias.

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando (JENKINS, 2009, p. 29).

Com toda a certeza, a popularização dos *smartphones* entre as camadas mais populares possibilitou o sucesso da web na sociedade mundial de maneira geral, mas há que se identificar as questões contextuais que particularizam cada lugar. Em Afuá, é preciso perceber que esse sucesso da web e dos instrumentos móveis de acesso a rede tem uma relação com a rádio local. É preciso observar que se tratam primeiramente de demandas sociais. E, nesse sentido, acreditamos que foi necessário que acontecessem primeiramente transformações nas práticas culturais da cidade para que a rede se tornasse um importante canal de interação entre seus moradores.

## 5. Algumas considerações para novos caminhos

Hoje, identificamos que a programação da rádio está profundamente imbricada aos usos da internet e, sobretudo, da rede social *Facebook*. Não é difícil observar os moradores da cidade acessando seus *smartphones*, mesmo em deslocamento. E, apesar de observarmos esse elevado envolvimento dos sujeitos com o uso dessas TICs móveis e da web em seu cotidiano, devemos ter a clareza de que esse é um processo social que marca individualmente cada sujeito. Em outras palavras, devemos reconhecer que nem todos participam dessa dinâmica de forma semelhante. Como afirma Jenkins (2009, p. 31),

Nem todos os participantes são criados iguais. Corporações – e mesmo indivíduos dentro das corporações da mídia – ainda exercem maior poder do que qualquer consumidor individual, ou mesmo um conjunto de consumidores. E alguns consumidores têm mais habilidades para participar dessa cultura emergente do que outros.

Como demonstra Martín Barbero, essa é uma realidade inserida no contexto social latinoamericano e, como tal, exige da investigação científica novos olhares para compreender os processos que a atravessam. Para isso, é preciso participar da experiência dos moradores, resignificando nosso aporte teórico-metodológico para que ele consiga alcançar a pluralidade desse objeto empírico que é Afuá. Se compreendemos esse trajeto histórico que a rádio percorreu para modificar o lugar da internet entre seus moradores, é preciso lembrar que não se trata de um fenômeno estático no tempo.

Hoje, percebemos que a internet já ocupa um lugar de extrema importância para a interação dos moradores de Afuá entre si e com o mundo, mas imaginamos que essa relação está prestes a sofrer alterações. Ao identificar a importância da rede para a população, a recente empreitada dos órgãos municipais em implementar praças digitais em Afuá deve resignificar mais uma vez a relação entre os moradores e a web e – talvez – com os próprios veículos de informação no município. Contudo, trata-se de uma realidade em transformação e é impossível prever as transformações que virão e cabe a nós apenas a opção de permanecer atentos para que a cartografia possibilite ao objeto, a realidade observável exponha suas próprias singularidades.

## 6. Referências

- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano : artes de fazer** (vol.1). 3ª edição. Petrópolis, RJ : Editora Vozes, 1998.
- FRANÇA, Vera. **Paradigmas da comunicação : conhecer o que?** Artigo publicado no GT Epistemologia da Comunicação. X COMPÓS : Brasília, DF. 2001. Disponível em : <[http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_1266.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1266.pdf)>. Acesso em : 15 de março de 2013.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010 : Resultados gerais da amostra (Afuá-PA)**. IBGE Cidades 2010. Disponível em : <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=150030&search=para|afua>>. Acesso em : 05 de dezembro de 2012.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo : Aleph, 2009.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo : travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo : Edições Loyola, 2004.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da comunicação : questão comunicacional e formas de sociabilidade**. Lisboa, Portugal : Editorial Presença, 1990.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço : técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. e 4. reimpr. São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 2008.